

GD Caldelas | Tekla anda com o pé quente
«Vou trabalhar para ser chamado à Selecção Distrital»

P. 12

GD Gerês | Com arranque promissor
«Nesta série valorizam muito esta divisão»

P. 14

Rendufe FC | Vítor Magalhães assume comando da equipa
«Para subir não chega ter boa equipa»

P. 14

desportivo

VALE DO HOMEM

REPORTAGEM

P. 7-9

PANDEMIA NÃO PROVOCOU ROMBO NA FORMAÇÃO DA REGIÃO

CLUBES AUMENTARAM NÚMERO DE JOGADORES

AF BRAGA PERDE CERCA DE 3 MIL ATLETAS

JUNIORES FOI O ESCALÃO QUE MAIS SOFREU



GD PRADO

P. 6

JOTA, CENTRAL É UM PRODUTO DO FAIAL

«QUEREMOS ANDAR NOS PRIMEIROS LUGARES»



LANK VILAVERDENSE

P. 2-3

ZÉ PEDRO, UM CAPITÃO DE CORPO INTEIRO

«DAREM-ME ESTA RESPONSABILIDADE É UM PESO MUITO GRANDE»

«QUEREMOS CHEGAR À LIGA 3»



COSTINHA COM ESTREIA DE SONHO NA LIGA BPI

«NUNCA PENSEI QUE IRIA MARCAR»

P. 4

FEMININO



FC AMARES

P. 10

ANDRÉ É TOTALISTA NO MEIO CAMPO AMARENSE

«VIM PARA UM GRANDE CLUBE»



LANK FC VILAVERDENSE - ZÉ PEDRO

Zé Pedro tem sido um dos pilares no sector mais recuado da equipa do Lank Vilaverdense. Com 30 anos e uma rodagem muito grande por clubes da II Liga, onde fez quase toda a sua carreira, o central transmite uma grande segurança e confiança ao líder da série A do Campeonato de Portugal. O Desportivo foi conhecer um pouco mais da história do jogador formado no Dragão, onde bebeu muito da mística portista, e que agora está a dar os primeiros passos na carreira de treinador nos sub-19 do Gondomar.

É natural de Braga mas nunca viveu na cidade.

É verdade. Nasci na cidade de Braga, mas com duas ou três semanas fui viver para a casa dos meus avós, em Gondomar.

E foi aí que começou a dar os primeiros chutes na bola?

Comecei a jogar nas escolinhas do Gondomar. Depois, os responsáveis do FC Porto viram-me a jogar e quiseram que eu fosse lá treinar. Gostaram das minhas exibições e acabei por ficar no clube.

Onde fez quase toda a formação.

Sim, saí no último ano de juniores para o Leixões.

Como se sentiu quando lhe transmitiram que não ia ficar no FC Porto?

É sempre triste quando recebemos a notícia que vamos ser dispensados, pois quem cresce naquele ambiente o sonho é sempre chegar à equipa principal do FC Porto. No primeiro ano de juniores fiquei na equipa. Foi uma alegria enorme pois na altura o FC Porto só tinha uma equipa de juniores. No entanto, não tive muita sorte. Uma lesão grave afastou-me dos relvados durante seis meses e quando regressiei a recuperação também não correu muito bem. Acabei por não jogar praticamente nesse ano. Claro que parti logo em desvantagem, até porque no FC Porto quando isso acontece é normal o jogador sair do clube. Mas a verdade é que muitas vezes não damos valor ao que temos no momento e deixamos as oportunidades passar.

E nessa altura também já se inculia a tão propagada mística portista na formação?

Fala-se muito na mística do FC Porto e eu cresci a viver isso de perto. Penso que numa altura, quando já tinha deixado o clube, se sentiu um pouco de falta de identidade, mas desde os meus oito até aos 18 anos senti isso muito de perto. É uma coisa que está inerente ao clube.

«Não saiu nenhum prodígio»

Nesse tempo privou com alguns jogadores que conseguiram dar o salto para a I Liga?

Do meu ano estão alguns no futebol profissional. O Sérgio Oliveira, por exemplo, que é um ano mais novo. O Caetano era um fenómeno, que já deixou de jogar, o Ricardo Dias, que está na Académica, entre outros, que fizeram boas carreiras. Mas da minha geração não saiu nenhum prodígio.

Jogou sempre a central ou ocupou mais alguma posição no campo?

No início, em Gondomar, jogava a médio, mas depois no FC Porto, até pela minha estatura física, recuei para central.

«Nesta fase tudo o que não passar pelo primeiro lugar ou no mínimo o segundo é um fracasso»

► ► Zé Pedro personifica a ambição, raça e vontade de vencer da equipa do Lank Vilaverdense

«Nem tudo foi um mar de rosas»

Estreou-se como sénior no Leixões. É um clube que o marcou?

O Leixões marcou-me muito, é um clube que guardo com muito carinho, mas nem tudo foi um mar de rosas. Quando cheguei aos juniores, o clube ainda estava na I Liga, acabou por descer nesse ano. Acabei por subir aos seniores no ano do Leixões na II Liga. Foram épocas fantásticas no sentido em que era um clube diferente para a realidade da II Liga, mas passámos por muitas dificuldades. Foram anos de uma aprendizagem muito grande para a minha vida, ajudou-me a crescer como homem. Foi o clube que me lançou, apostou em mim e deu-me oportunidade de estar aqui hoje. Devo isso ao Leixões.

E como foi o reencontro agora como adversário no jogo da Taça?

O Estádio do Mar é marcante e já há alguns anos que não jogava lá. Há sempre

aquele “friozinho” na barriga antes do jogo. O clube está muito diferente, está a ser reestruturado, mas também se sente a mística, principalmente dos adeptos, que são fantásticos. Esses nunca mudam.

«Sou ofensivo, gosto de ter bola, de sair a jogar e sou forte no jogo aéreo, mas também tenho debilidades. Não há jogadores perfeitos»

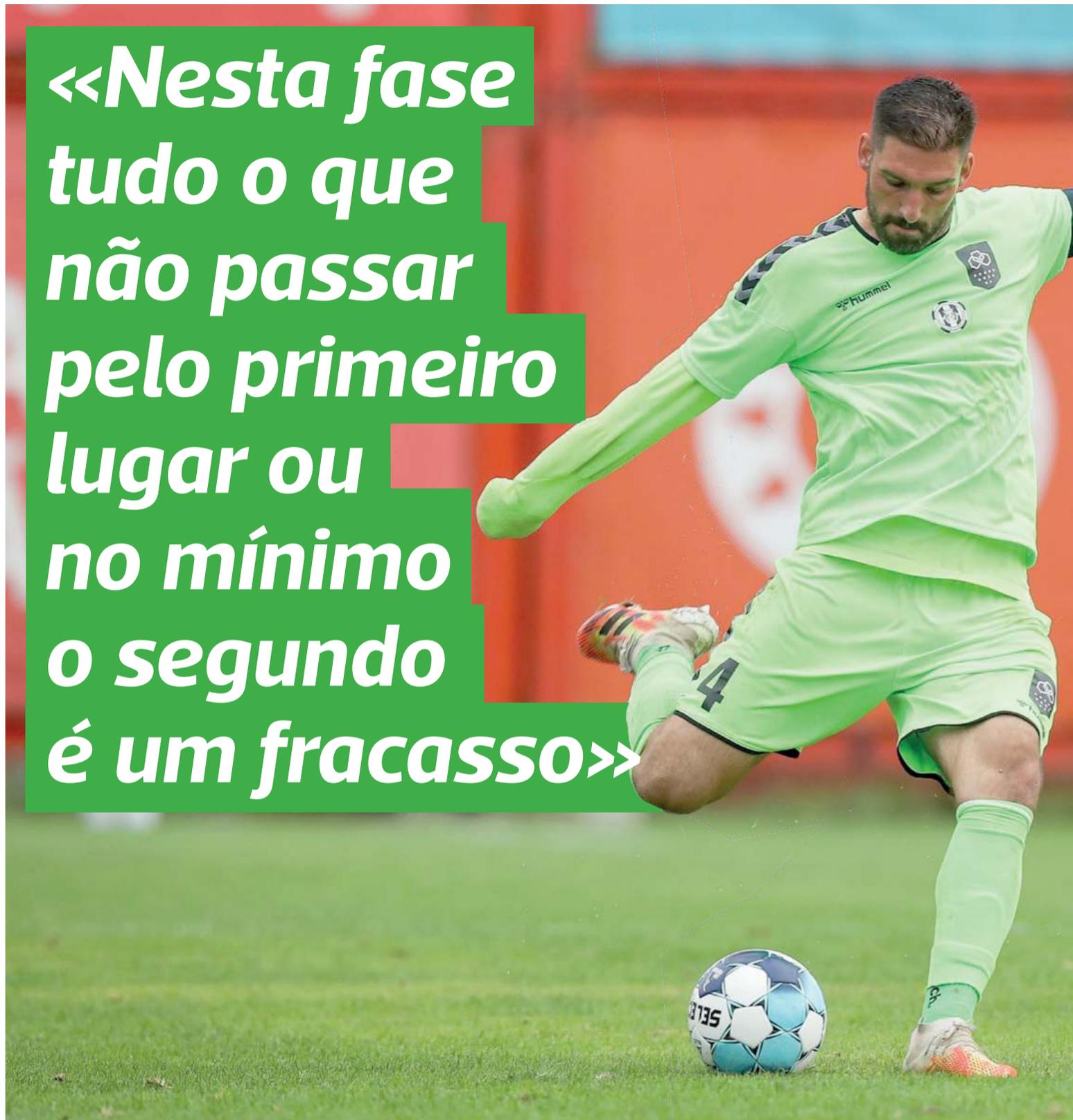
«Pagámos alguma audácia»

O resultado é que não foi o melhor.

O resultado não evidencia o que se passou no campo, mas a verdade é que perdemos e por números expressivos, isso custa. Houve momentos-chave do jogo que marcaram a eliminatória. Eles marcaram perto do intervalo, o que nos abalou um pouco. Depois tivemos uma oportunidade clara para reduzir, quando o resultado estava em 2-0 e, no lance seguinte, sofremos o terceiro golo, que acabou com a partida. Mas deixámos uma boa imagem, jogámos olhos nos olhos. Se calhar pagámos alguma audácia em querer discutir o jogo.

Acha que já não existe um fosso tão grande entre estas divisões?

É verdade que a diferença não é tão grande como antigamente. Hoje em dia, todos os treinadores estão muito bem preparados, as equipas são organizadas e os próprios jogadores mudaram. Muitos nem querem estar em divisões superiores devido às contingências da vida. A qualidade está cá, neste





«Fez-me acreditar que posso e preciso de fazer algo mais»

Zé Pedro chegou esta época ao Lank Vilaverdense

Por que decidiu aceitar o convite do Lank Vilaverdense?

Olhe, surgiu mesmo na altura certa, porque estava muito acomodado. Com 28 anos fui para o Gondomar e achava que dificilmente iria subir de novo à II Liga. O clube tem um Presidente cumpridor e deu-me uma estabilidade incrível. A minha filha tinha nascido e estava a cinco minutos de casa. Fui-me deixando ficar. Por isso é que digo que este convite surgiu na altura certa. Fez-me acreditar que posso e preciso de fazer algo mais. É um projecto com uma ambição enorme e isso reflecte-se no grupo.

Isso também se tem projectado para dentro do relvado?

Para já estamos a corresponder com muitas vitórias.

«Darem-me esta responsabilidade é um peso muito grande e algo que não estava à espera, sinceramente»

Mas algumas delas conseguidas com algum sofrimento.

Dizia-se que a série A ia ser muito fácil e quem apostasse um pouco teria uma vida mais facilitada, mas a realidade é que as coisas não são bem assim. Esta série é muito complicada pela exigência dos jogos fora de casa, com campos difíceis, onde a maioria das equipas têm como base grupos com muitos anos, com processos bem assimilados. Nós estamos em primeiro porque trabalhamos muito e essas vitórias que caíram quase ao cair do pano são fruto do trabalho que fizemos durante o jogo.

E com uma equipa construída de raiz...

Os jogadores que estão no plantel têm personalidades que se encaixam bem. Isto não foi feito ao acaso. Acredito que o "mister", quando construiu o plantel, já teve isso em conta. Além disso, algumas situações que aconteceram na pré-época deram-nos a possibilidade de estar mais tempo juntos. O grupo é fantástico, existe uma grande comunhão de ideias.

«Queremos chegar à Liga 3»

A subida à Liga 3 é o grande objectivo da equipa?

Nesta primeira fase, o primeiro lugar é o objectivo primordial ou no mínimo o segundo. Tudo o que não passar por isso vai ser um fracasso para os jogadores e para o clube. Depois, sabemos que as dificuldades vão aumentar, mas queremos chegar à Liga 3. Não escondemos isso de ninguém.



Zé Pedro festeja mais um golo com os colegas

campeonato, na Liga 3 e mesmo na distrital. Agora, é claro que o futebol profissional tem sempre um pouco mais do que estas divisões.

Sente que podia ter chegado um pouco mais longe?

A minha carreira ainda não acabou, mas aos 30 anos não acredito que possa atingir um patamar muito superior a este. Como já referi, não damos o devido valor às coisas no momento certo e nesse aspecto tenho de fazer mea-culpa porque podia ter dado mais, ter trabalhado mais e se calhar não tinha descido um patamar. Mas orgulho-me daquilo que fiz. Foi um percurso bom, de II Liga. Nos últimos anos optei pela estabilidade, em Gondomar.



Capitão deixa sempre tudo dentro do campo

«O importante é a ideia de jogo»

Zé Pedro diz que se adapta a qualquer sistema

Gosta mais de jogar com uma linha de quatro ou de três defesas?

No ano passado começámos com uma linha de quatro, mas depois passámos a jogar com três centrais e gostei. Mas acho que o mais importante é a ideia de jogo do treinador e os princípios da equipa. Isso é que vai ditar o que vamos fazer dentro de campo. Por exemplo, este ano, se jogássemos com três centrais provavelmente as nossas ideias e princípios não se alteravam, fíamos era procurar as mesmas coisas mas de forma diferente. Adapto-me bem a qualquer sistema.

LANK FC VILAVERDENSE FEMININO - COSTINHA

Uma estreia de sonho na Liga BPI

Costinha marcou dois golos em apenas um minuto diante do Varzim

Inês Costa, conhecida por Costinha, está a viver um momento de sonho na sua ainda curta carreira de futebolista. Aos 19 anos, a avançada do Lank Vilaverdense estreou-se na Liga BPI com dois golos, na vitória gorda diante do Varzim, referente à 3ª jornada.

António Silva lançou-a para o jogo no primeiro minuto da compensação e aos 95' e 96', a atacante correspondeu com dois golos de rajada que fecharam a goleada de cinco golos sobre as poveiras.

«Foi uma sensação magnífica. Quando entrei, faltavam poucos minutos para terminar a partida e estávamos a ganhar por 3-0. Nunca pensei que iria marcar algum golo, quanto mais dois. Mas as oportunidades surgiram e não as desperdicei», contou a jogadora, acrescentando que não podia pedir uma estreia melhor na I liga do futebol feminino. «Jogar na I Divisão foi o cumprir de um sonho e começar logo com dois golos... Quem podia querer melhor estreia que esta?», disse a jogadora, natural de Palmeira, que começou o seu processo evolutivo na escola de futebol Craquenet. «O meu gosto pelo futebol deve-se principalmente aos meus primos, com quem passava os dias a jogar na casa da minha avó. Mais tarde fui para o Craquenet e depois para a equipa B do SC Braga, antes de ingressar no Vilaverdense», apontou.

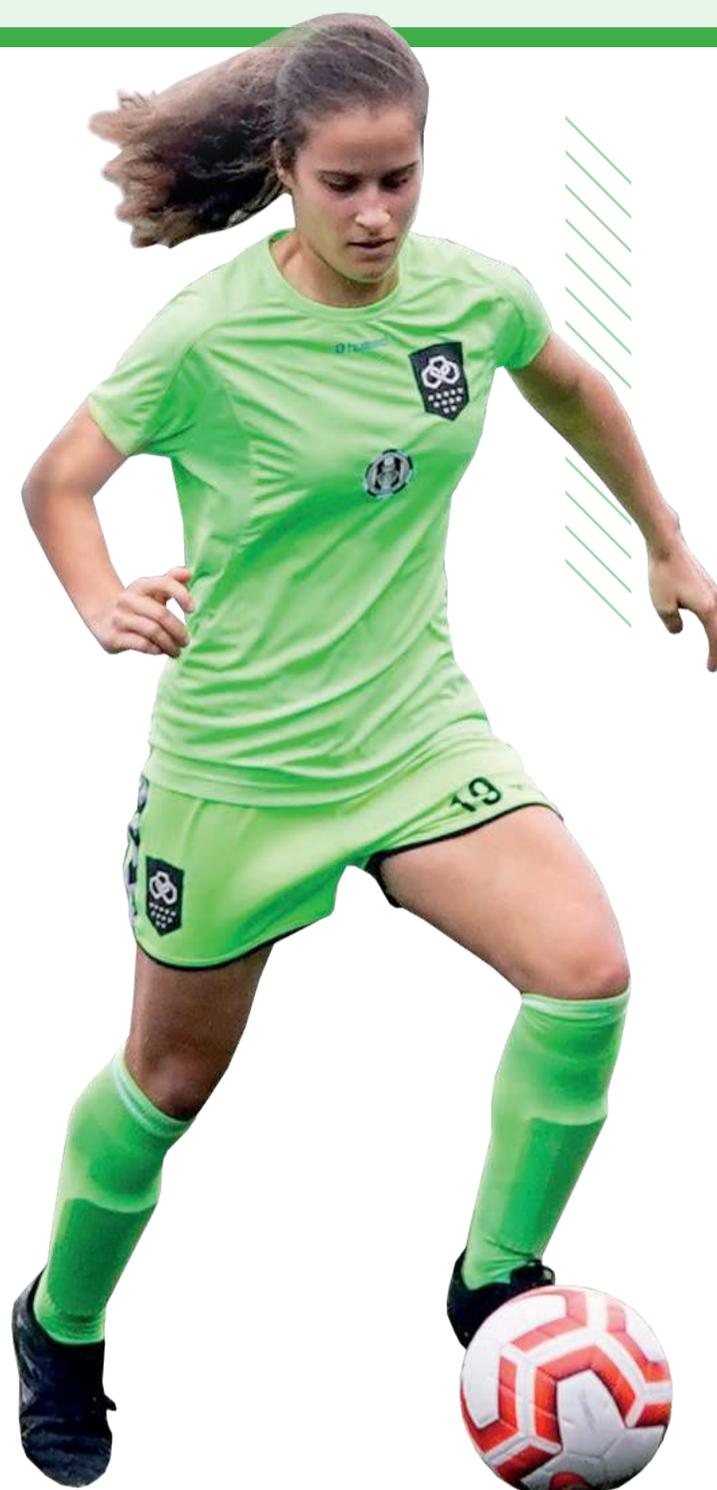
Costinha diz que o primeiro ano no Vilaverdense não foi muito fácil devido às contingências que o clube estava a atravessar com a descida à II Divisão Nacional, o que

provocou a saída de várias jogadoras.

«Tivemos de formar uma equipa quase toda nova, mas o grupo era espectacular e a adaptação tornou-se mais fácil. Aprendi e evolui muito nestes três anos. Sinto que estou uma jogadora mais refinada», venceu a atleta, que para além de jogar na equipa principal também faz uma “perninha” na equipa B, onde já apontou dois golos. «Quando entro é com o intuito de ajudar a equipa, se for com golos ainda melhor», frisou.

A atacante sublinhou ainda que o facto de treinar e jogar com jogadoras mais experientes e com uma qualidade acima da média tem ajudado no seu processo de crescimento no futebol feminino. «Nos treinos e nos jogos, mesmo não jogando, estás sempre a aprender, pois trabalhas com as melhores e estás a competir com as melhores jogadoras de Portugal».

Quanto aos objectivos da equipa na Liga BPI, Costinha sublinha que o primeiro é a manutenção, que pode ser já atingida no jogo com o Gil Vicente (entrevista foi realizada antes desse jogo). «Sinto que a equipa está cada vez mais unida, o plantel está a evoluir e estamos muito perto de atingir a manutenção. Para isso basta ganhar ao Gil Vicente. Depois, vamos tentar fazer a melhor classificação possível», atirou a jogadora, que quando lhe perguntamos se era possível lutar pelo segundo lugar largou um sorriso. «Se atingirmos já a manutenção vamos partir os restantes jogos mais tranquilas e qualidade não nos falta. Por isso...».



«Continuidade foi importante»

Diz que a equipa «está mais equilibrada»

Costinha considera que o facto de a maioria das jogadoras e a equipa técnica terem transitado da época passada

ajudou no processo evolutivo da equipa. No entanto, a avançada também destaca a entrada das novas jogadoras,

que vieram «acrescentar qualidade» à equipa.

«É sempre melhor começar uma equipa, e ainda por cima numa nova realidade, com um modelo e ideias de jogo definidas. Foi muito importante manter a base da equipa e depois o grupo reforçou-se com jogadoras de grande nível que acabam por fazer um pouco a diferença em muitos jogos», anotou a avançada, que elogiou ainda as condições que esta união com o Lank trouxe ao clube. «Foi sem dúvida um salto qualitativo muito grande. Penso que sem este projecto dificilmente conseguiríamos estar a competir com as melhores equipas portuguesas», disse a jovem jogadora, que também tem o sonho de chegar à Selecção Nacional. «Quem não sonha? Qualquer jogadora pensa um dia em representar a nosso país. Agora sei que também não é muito fácil, pois o futebol feminino cresceu muito e cada vez mais existem jogadoras com qualidade», completou.

Futura Engenheira

Futebol e estudos mãos dadas



Inês Costa é um bom exemplo de como o futebol e os estudos não são incompatíveis. Aos 19 anos, a jogadora do Lank Vilaverdense passou para o segundo ano do Curso de Engenharia de Materiais, na Universidade do Minho, e diz que «enquanto for possível» vai conciliar as duas coisas. «Nunca reprovei nenhum ano, é preciso força de vontade e ter alguma organização», apontou.



Costinha chegou há três épocas ao Lank Vilaverdense

LANK FC VILAVERDENSE FEMININO - EQUIPA B

«Potenciar e lançar jogadoras para a equipa principal»

Armando Costa lidera projecto da equipa B do Lank Vilaverdense



Guarda-redes: Luísa, Beatriz Vieira e Gabriela Ferreira | Defesas: Mariana R., Rita Lourenço, Eduarda Teixeira, Erica, Xaninha, Beatriz Cunha e Gabi Pinto | Médias: Beatriz Vale, Margarida Oliveira, Maria Lima, Ana Francisca, Ana "Kika", Luciana Alves, Carolina Chaves | Avançadas: Maria Neto, Luciana Costa, Maria Borges, Inês Pereira e Beatriz | Equipa técnica, treinador: Armando Costa

O facto de a equipa principal do Lank Vilaverdense ter subido à Liga BPI e ter optado por um projecto profissional levou a que os responsáveis do clube tivessem de arranjar uma alternativa para as atletas, que devido à sua vida profissional e escolar, não conseguiam treinar durante o dia. A solução passou pela formação de uma equipa B, que está a competir na série A do campeonato da III Divisão Nacional, composta na sua maioria por atletas com idade de juniores e que também irão participar no campeonato nacional de futebol 9.

«Não foi uma tarefa fácil construir o plantel, pois já começámos muito tarde e muitas jogadoras já tinham assinado por outros clubes. Isso também não nos permitiu ter um plantel de sub-19 com mais soluções. A situação geográfica e o facto de as equipas B só poderem inscrever duas jogadoras com mais de 23 anos castrou-nos o recrutamento», começou por expor Armando Costa, treinador eleito para liderar o projecto da equipa B.

«Já estava no Lank antes da união com o Vilaverdense e como fazia parte da equipa técnica principal e também já tinha treinador o Romariz, fizeram-me o convite para fazer a ponte de ligação entre as duas equipas», acrescentou o

treinador, de 24 anos, olhando depois à realidade do grupo que orienta.

«Temos de ter em conta que estamos a treinar jogadoras com contextos diferentes. Umhas estão a trabalhar, outras estudam e tivemos de fazer alguns ajustes nos horários. Depois, pela diferença de idade, temos atletas com 16 e outras com 26 anos. O tipo de trabalho

não pode ser o mesmo para cada uma delas», salientou.

Armando Costa sublinha que o principal foco é potenciar jogadoras para a equipa principal. No entanto, não nega que também têm a ambição de passar à segunda fase do campeonato e, depois, se possível, lutar pela subida ao segundo escalão do futebol feminino português.

«Espero que no fim da época tenhamos algumas jogadoras na equipa A. A ideia é essa. Aliás, algumas já estão a treinar com alguma regularidade com a formação principal. O que lhes digo sempre que isso só depende delas. Nós estamos cá para as ajudar, mas só com muito trabalho, dedicação e esforço é que podem chegar ao topo», completou.



(Esquerda): Catarina Loureiro (treinadora adjunta), João Ramalho (fisioterapeuta), Isa Coelho (treinadora sub-19), Armando Costa (treinador principal), Guilherme Cardeiras (preparador físico) e Leticia Almeida (preparadora física).

Eduarda | Capitã

«Estou aqui para ajudar»

Eduarda Teixeira foi uma das jogadoras que contribuíram para a subida da equipa à principal liga do futebol feminino. Contudo, a sua vida profissional não lhe permitiu continuar a jogar ao mais alto nível e acabou por integrar o projecto da equipa B.

«Ajudei a equipa a subir e queria muito jogar na I Divisão, ainda estava com esperança que os treinos passassem para o horário nocturno, mas não foi possível. Agora cá estou para ajudar estas jovens jogadoras a crescerem para chegarem mais depressa à equipa principal, pois, apesar de sere muito jovens, têm muita qualidade e potencial», disse a capitã da equipa B.



Luana | Avançada

«Temos um bom grupo»

Luana, natural de Vila Verde, chegou ao Vilaverdense há quatro anos para jogar na equipa de infantis. Aos 14 integrou a equipa feminina e, por isso, conhece bem os cantos à casa. «Gosto muito deste grupo, para além de atletas com muita qualidade, o que nos ajuda a crescer, também são boas colegas. Somos um grupo muito unido e vai ser muito difícil derrotarem-nos», garantiu a avançada de apenas de 17 anos.

«Gostava muito de chegar à equipa principal, mas isso também vai depender muito dos estudos, pois para o ano vou entrar na universidade e não sei se vou conseguir conciliar as duas coisas», completou Luana.



GD PRADO - JOTA

Jota aponta aos lugares cimeiros da Pró-Nacional

Central é mais uma aposta da formação do GD Prado

Jota é um produto da “cantera” do Faial. O central chegou ao GD Prado no segundo ano de juvenis e rapidamente começou a dar nas vistas ao ponto de Zé Nuno Azevedo não ter qualquer receio em chamá-lo ao convívio com os seniores ainda como júnior. Nessa época (2018/19), fez 17 jogos pela equipa principal. Na época seguinte, no seu primeiro jogo, lesionou-se com gravidade no joelho e foi operado. Quando regressou, o campeonato parou em Março, devido à pandemia. Na época finda, o central disputou oito jogos nas 11 jornadas do campeonato da Pró-Nacional.

«A minha estreia acabou por se tornar fácil devido aos colegas de equipa e também ao treinador. O “mister” Zé Nuno deixou-me sempre à vontade. Depois, o Duarte, o Diogo Machado e o Paulo Ricardo foram sempre compreensíveis com os meus erros, nunca me deram na cabeça no mau sentido, mas sempre com o intuito de me ajudar a corrigir o que tinha feito menos bem nos jogos e mesmo nos treinos», contou o jogador, que completou 21 anos no dia 30 de Outubro.

«Este ano tive outra vez a sorte de ter como colega um grande jogador. O Xandão, apesar de ainda ser jovem, é um jogador com uma grande experiência e habituado a jogar noutros palcos. Jogar

com ele ao meu lado é um grande conforto, sabemos que se cometermos algum erro está lá ele para o emendar. É o nosso pronto-socorro. Para além disso, é muito humilde e está sempre disposto a ajudar os colegas de equipa», elogiou.

«Queremos andar lá em cima»

Quanto às metas da equipa no campeonato da Pró-Nacional, série A, Jota aponta para os lugares cimeiros da tabela classificativa. «Penso que o único jogo em que não estivemos bem foi contra o São Paio d’Arcos, mas sabemos que numa prova de regularidade existem sempre altos e baixos. Há equipas que vão crescer e nós também. Vamos procurar manter-nos sempre nos primeiros lugares», frisou.

«Sinto-me mais confortável numa linha de quatro defesas. A linha de três ainda não está bem trabalhada na nossa equipa»



Jota disputa a bola com Ricardo Cruz do Porto d’Ave

Um lateral que virou central

Jota quer dar o salto para os Nacionais

Jota é agora um valor seguro no eixo da defesa do GD Prado, mas nem sempre actuou nessa posição. Até ao segundo ano de juvenil, altura em que chegou ao Faial, Jota jogava a lateral ou a extremo direito. «Quando vim para o Prado, o “mister” Fernando colocou-me a jogar a central e as coisas correram bem e nunca mais jo-

guei a lateral ou extremo. Penso que acaba por ser a minha posição, embora não tenha problemas se for chamado a jogar na lateral. A extremo é que já não tenho rotinas para isso», disse o jogador, que ainda espera dar o salto para os Nacionais. «Quando estamos no futebol temos sempre sonhos e o desejo de chegar o mais

acima possível. Tenho 21 anos e sei que ainda posso evoluir muito. Se continuar a trabalhar e aprender com os meus colegas penso que posso dar o salto», sublinhou. Natural de Cervães, Jota passou oito anos no Bragafut, um nas escolinhas do Sporting e outro no Merelim S. Paio, antes de chegar ao Prado há seis temporadas.



Capitão aos 20 anos

Na ausência de Bruno Silva

Na ausência de Bruno Silva (BS9), Jota é o capitão de equipa do GD Prado. O jovem jogador diz que é uma «grande responsabilidade» substituir um capitão com o carisma de BS9. «Para mim é um grande orgulho ser um dos capitães deste grupo. Também demonstra que as pessoas confiam em mim. A responsabilidade é imensa até porque todos sabem que o Bruno Silva é um capitão muito presente dentro e fora do campo. Quando ele não joga procuro sempre corresponder», disse.

«Dois profissionais amigos dos jogadores»

Zé Nuno/Lelo

«São dois bons treinadores, que jogam sempre para ganhar e são muito profissionais naquilo que fazem. Mas, para além disso, o que mais destaque neles é o facto de serem dois treinadores amigos. Saem sempre em defesa dos jogadores, como ainda se viu no último jogo em Porto d’Ave com o “mister” Lelo a defender, e bem, o Bruno Rocha. Foi uma grande atitude. Agora, claro que o “mister” Zé Nuno acabou por me marcar. Apostou e confiou nas minhas qualidades ainda eu era júnior».



FORMAÇÃO

Pandemia não afastou crianças e jovens dos relvados do Vale do Homem

Maioria dos clubes da região cresceu na retoma dos campeonatos da formação



Treinador do Vilaverdense em momento de descontração com os seus "meninos"

Após o fim de um interregno forçado de quase dois anos, o futebol de formação está de volta. Na hora da retoma, levantam-se várias interrogações. Que consequências terão estes longos meses de paragem no futebol de formação? Os clubes perderam ou ganharam atletas com a retoma dos campeonatos? Em que forma física e mental reapareceram os jovens? Estas são apenas algumas questões a que tentámos obter resposta junto dos clubes da região do Vale do Homem na reportagem sobre a nova vida dos clubes, que aos poucos começam a regressar à normalidade, mas sempre com muitas "pinças", pois o fantasma da Covid-19 ainda paira no ar.

Foi um longo tempo afastados dos relvados e do convívio no balneário, o que provocou o surgimento de outros hábitos, novas rotinas e simpatias por outros desportos de milhares de crianças e jovens que tinham no futebol a sua grande paixão. Outros deram-se à preguiça e trocaram em definitivo o cheiro do balneário e do relvado pelos jogos virtuais e pelas consolas de última geração.

Tudo isto fazia pensar que a retoma na formação iria ser penosa, com um grande rombo no número de atletas e equipas. No entanto, pela amostra verificada nos clubes da região do Vale do Homem, tirando uma ou outra excepção em alguns escalões, verificou-se um aumento de atletas em todas as colectividades.

Por exemplo, os escalões de petizes e traquinas (5 aos 8 anos) sofreu um aumento substancial de atletas. Nos benjamins e infantis (9 aos 12 anos), a maioria dos clubes manteve o número de crianças e em muitos casos até aumentou.

«Isso talvez se explique pelo facto de os miúdos terem estado muito tempo fechados em casa e de os pais estarem agora mais receptivos às actividades desportivas e extra-curriculares. Nos petizes e traquinas temos mais atletas, perdemos no escalão de benjamins e infantis, aqui penso que nem foi tanto pela pandemia, mas sim pelo facto de ter aberto outra escola na região e os pais optaram por seguir outro caminho», apontou Miguel Carvalho, coordenador da formação do Vilaverdense FC, que em relação a Março de 2020

perdeu perto de 30 atletas em todos os escalões.

«O problema parece estar nos escalões de iniciados, juvenis e juniores (13 aos 18 anos). Os clubes sentiram muitas dificuldades em formar equipas de iniciados e principalmente de juniores. Os jovens acomodaram-se a esse estilo de vida sedentário, outros foram para o ginásio e não quiseram voltar ao futebol», lamenta, acrescentando que o reflexo desta longa inactividade «ainda está para se perceber».

O Vilaverdense FC também diminuiu o número de equipas. Normalmente, o clube tinha sempre duas nos escalões de benjamins e infantis e agora vai competir apenas com uma em cada escalão, o mesmo acontecendo nos iniciados.

«Pelo que tenho conversado com outros coordenadores, penso que é geral, não foi apenas o Vilaverdense que sentiu dificuldades no escalão de 2007/08», explicou Miguel Carvalho.

O Vilaverdense tem ainda duas equipas a competir no escalão de juvenis e juniores, embora a mais velha esteja integrada na SAD do Lank Vilaverdense.

HÁ DESPORTO PARA ALÉM DA PANDEMIA...



Sofia Pinto
Psicóloga do Desporto

Há mais de um ano que o mundo do desporto vive condicionado pela pandemia da Covid-19. Em Portugal e no mundo, eventos foram adiados, treinos e competições desportivas foram interrompidas e a sua retoma foi condicionada a certas regras.

Mas não só o físico que se ressentiu perante a paragem abrupta das actividades, também a saúde mental de muitos atletas, tal como a muitos de nós, foi afetada. De acordo com estudos feitos em Portugal, a paragem competitiva causada pela pandemia de covid-19, aumentou os níveis de ansiedade e baixou os níveis de felicidade nos desportistas portugueses.

O desporto português atravessou uma fase negra, devido a pandemia, com consequências nefastas no médio e longo prazo principalmente para o desporto de formação.

Muitos clubes tiveram as suas actividades suspensas, crianças e jovens ficaram em casa sem prática desportiva com a sua rotina mudada, e os atletas que não treinaram ou competiram desde março de 2020.

Durante esta paragem nos treinos e competições, muitos atletas e candidatas a atletas deixaram de ser por falta de prática. Não tiveram experiências de prática desportiva. Em alguns casos, foram procurar outras actividades para ocupar os seus tempos livres e a paragem poderá ter implicado a desistência de muitos atletas.

Com a retoma das competições desportivas os clubes têm pela frente dois grandes desafios:

1) Recuperar os atletas dos escalões de formação para o ritmo competitivo e promover novamente o seu crescimento desportivo, que foi, por momentos, interrompido.

2) Reconhecer a importância do trabalho psicológico, de gestão emocional e desenvolverem outras formas de apoiar atletas, pais e os treinadores neste período de retoma desportiva.



FORMAÇÃO - REPORTAGEM



«Não sentimos o efeito da pandemia»

Formação do GD Prado aumentou número de atletas e equipas

A formação do GD Prado não sofreu consequências com os efeitos da pandemia. Aliás, Paulo Oliveira diz mesmo que o clube foi “obrigado” a dispensar alguns jogadores em determinados escalões. O coordenador da formação alvinegra sublinha ainda que o facto de o clube ter decidido participar no Torneio Esperança foi determinante para o regresso de quase todos os atletas. «No nosso caso não sentimos nada. Cerca de 90% dos atletas regressaram à competição em Maio e depois ainda recebemos jogadores de outros clubes. Antes da paragem tínhamos 190 atletas e agora estamos com 210», anotou o responsável máximo pelas camadas jovens do GD Prado.

«Os miúdos tinham “fome de bola” e nós demos-lhe as condições. Penso que juntou a fome à vontade de comer. Não perdemos nenhum miúdo. Aliás, com muita pena nossa, até tivemos de dispensar alguns nos juniores e juvenis, pois não podíamos ficar com eles todos, tivemos de fazer essa triagem. Isso deixa-nos com a sensação de trabalho bem feito», acrescentou Paulo Oliveira.

O GD Prado também aumentou o número de equipas. O clube vai ter todos os escalões a competir com duas equipas, com excepção dos juniores (1) e dos benjamins (3).

Paulo Oliveira referiu ainda que a maioria dos atletas apresentaram-se «muito debilitados» fisicamente, o que provocou algumas lesões musculares, principalmente nos juvenis e juniores.

Ribeira Neiva cresceu

O Ribeira do Neiva, apesar de estar situado numa região mais periférica, conseguiu aumentar o número de atletas e de equipas. Nuno Lopes, coordenador da formação dos ribeirenses, admite que ficou surpreendido com o crescimento da



formação.

«Temos mais 50 a 60 atletas em relação a Março de 2020, altura em que pararam os campeonatos. Nota-se uma maior afluência nos escalões de base, como os petizes e traquinas, mas também crescemos nos benjamins e infantis», anota o director do Ribeira do Neiva, que pela primeira vez em muitos anos conseguiu ter todos os escalões no futebol de 11.

«Todos os anos tínhamos dificuldades em ter as três equipas (iniciados, juvenis e juniores), faltava sempre uma. Este ano, porém, conseguimos recrutar atletas para todos os escalões, o que nos acarreta um problema de coordenação nos treinos e jogos. Precisávamos de um campo de futebol 7», aponta.

CD Lago sobe na base

A pouca distância da escola de formação do Rendufe situa-se o parque de jogos do CD Lago, clube que também aumentou o número de atletas.

«Nos escalões de petizes e traquinas temos mais crianças. Antes da pandemia tínhamos 50 atletas e agora estamos com 80. Vamos ter todas as equipas e duas de infantis (futebol 7 e 9). O facto de termos regressado aos treinos em Junho e Julho ajudou a cativar mais atletas novos, que estão a jogar pela primeira vez à bola. Das nossas equipas só 10 atletas é que preferiam não regressar, devido ao medo de estarem em grupo», frisou o responsável pelo futebol de base do CD Lago.

No entanto, no futebol 11, o clube la-

goense apenas vai competir no escalão de juvenis. «No início tivemos muitos juniores a treinar, mas depois ficaram só meia dúzia. Em iniciados também não tivemos grande adesão», disse José Pimenta, responsável pelo futebol 11 do clube.

Vilarinho com mais afluência

Avelino Oliveira, Presidente da ACRD Vilarinho, disse ao nosso jornal que o clube também cresceu em número de atletas, principalmente com idades compreendidas entre os 5 e os 7 anos. «Nesse aspecto não sentimos qualquer tipo de efeito negativo. Aliás, o número de atletas cresceu nos escalões de base e também conseguimos manter a equipa de iniciados que vai voltar a competir na AF Braga», explicou.



Amores sentiu problemas na base



António Almeida disse que o FC Amares sentiu mais dificuldades em formar equipas nos escalões de base e nos iniciados. O novo coordenador da formação dos amarenses sublinhou ainda que este é o «ano zero» para a formação do clube e por isso pede «alguma paciência» aos encarregados de educação.

«Onde senti mais os efeitos da pandemia foi nos escalões de base e nos iniciados, porque os infantis estiveram dois anos sem competir e desligaram-se do futebol. Depois, também estão numa idade que ainda estão a decidir qual a modalidade que querem praticar no futuro», explicou António Almeida, acrescentando que o “Torneio Esperança”, organizado pela AF Braga conseguiu manter muitos jovens em actividade, o que ajudou a «construir as equipas de juvenis e juniores».



Rendufe perto dos três dígitos



No Rendufe FC, o efeito pandemia em termos de número de atletas e equipas também não se fez sentir. Antes da Covid-19, a formação dos rendufenses tinha 75 crianças e agora está quase a chegar aos três dígitos, contando com 94 atletas. Para além disso, ainda conseguiu manter a equipa de iniciados em actividade.

«Penso que se deve ao trabalho que temos desenvolvido, às condições que temos criado para que os miúdos se sintam bem. Depois “amiguinho puxa amiguinho” e isso é fundamental», disse André Macedo. Aliás, o coordenador da formação do Rendufe esteve perto de formar mais uma equipa no escalão de juvenis. «Alguns miúdos saíram para outras equipas e então preferimos apostar numa equipa de iniciados mais competitiva», esclareceu.



As entradas superaram as desistências

“Os Regadinhas” quer bater recorde de inscrições



“Os Regadinhas” de Freiriz manteve o número de equipas e de atletas na sua escola de formação e até espera bater o recorde de inscrições, que se situa nos 217 atletas. Paulo Novais diz que estava um «pouco apreensivo», mas que sentiu uma enorme vontade, «principalmente nos pais» para que os filhos voltem a praticar desporto.

O coordenador da formação de “Os Regadinhas” sublinhou ainda que esta paragem foi importante para «as pessoas perceberem o quanto importante é o desporto nas suas vidas».

«Perdemos alguns miúdos, mas os que entraram superaram essas perdas. Na última paragem estávamos nos 200 atletas e é mais ou menos o que temos. Mas acredito que este ano vamos superar novamente o recorde de inscrições», venceu, acrescentando que o clube manteve as mesmas equipas, só que algumas «estão sobrelotadas».

«O escalão em que estamos a sentir mais dificuldades é nas sub-17 femininas, porque perdemos algumas atletas devido à idade e outras decidiram seguir outros projectos. Nos traquinas (2013) penso que a falta de crianças é geral. Isso deve-se à famosa crise de 2012. Não há muitos miúdos desse ano», explicou.

Após um longo período de paragem, Paulo Novais considera que é normal os atletas estarem mal fisicamente e sem ritmo competitivo. «Penso que a maioria deles esqueceu quase tudo do que tinha aprendido sobre o futebol. Porém, psicologicamente «senti uma grande alegria no regresso. Às vezes sinto que o mais difícil é mesmo tirá-los de casa, pois ficaram muito tempo ligados aos jogos virtuais», apontou.

“Os Regadinhas” de Freiriz tem todos os escalões de formação e ainda acrescenta três equipas no feminino (sub-13,15 e 17).



Perda de rotinas e quilos a mais

Como reapareceram os atletas

Outros dos aspectos importantes a perceber é como reapareceram a maioria dos atletas após quase dois anos sem praticar qualquer tipo de desporto. A ideia geral entre os coordenadores com quem conversamos é que muitos deles «têm quilos a mais» e também perderam alguns conceitos básicos do futebol e rotinas, mas nada que o tempo não repare.

«É normal, pois foram quase dois anos de inactividade desportiva, tanto nos clubes como no desporto escolar», disse Avelino Oliveira, Presidente do Vilarinho.

No Ribeira do Neiva, o efeito da Covid-19 ainda se faz sentir em dois atletas do escalão de infantis, que foram apanhados pela teia da doença e ainda agora sentem mais dificuldades nos treinos. «Cansam-se muito mais depressa do que os outros, temos de ter mais cuidados com eles», disse Nuno Lopes.

«Estão esquecidos do futebol, perderam as rotinas, métodos, é quase como iniciar do zero. O excesso de peso é o prato do dia», juntou Alexandre Mota, coordenador do Pico de Regalados.



Pico quer chegar à centena

Na escola de formação do Pico de Regalados, a situação é similar à dos outros clubes, ou seja, aumentou o número de atletas, embora Alexandre Mota confidencie que o clube sentiu dificuldades em formar equipas nos escalões de base no feminino (sub-17).

«Lembro-me que nos primeiros dias quando cheguei ao clube tínhamos uns 15 miúdos e agora já temos perto 80. O meu objectivo é atingir a centena até ao Natal», frisou o novo coordenador dos picoenses. O Pico vai competir no escalão de traquinas, benjamins, infantis, iniciados e juvenis. «Fizemos uns treinos de captação para os juniores e se conseguíssemos reunir um número de atletas suficiente podíamos também ter uma equipa nesse escalão, embora não fosse a nossa prioridade, mas não conseguimos», anotou o responsável pela formação do Pico de Regalados.



AF Braga perde cerca de 3 mil atletas

Escalão de juniores foi o que sofreu o maior rombo

No contexto distrital, e embora a AF Braga à altura do fecho da edição ainda não tivesse em sua posse os números definitivos, é expectável que venha a perder cerca de 3 mil atletas em relação à época de 2019/20, altura em que os campeonatos pararam devido à pandemia.

O número de atletas inscritos nessa altura era de 21.500 e agora é provável que o número ronde os 18 mil em todos os escalões da AF Braga.

Segundo aquele organismo, o escalão que mais sofreu com a pandemia foi o dos juniores, que teve uma perda de atletas e equipas muito considerável. O número de equipas nos iniciados e nos juvenis subiu, mas numa percentagem pequena (duas ou três por escalão). No futebol de base é onde se espera uma subida mais acentuada, principalmente nas equipas de infantis, petizes e traquinas, já que os benjamins perderam 20 equipas em relação a 2019/20. No entanto, estes números ainda podem ser alterados dado que ainda não tinham chegado à AF Braga todas as inscrições para o futebol de base.

“Os Regadinhas” de Freiriz tem todos os escalões de formação e ainda acrescenta três equipas no feminino (sub-13,15 e 17). Esta época vai competir com as equipas de futebol 7 em Freiriz e de futebol 11 em Turiz.

Terras de Bouro só com futebol 7

A pandemia agravou a situação



Depois de dois anos de paragem, o Terras de Bouro decidiu apostar apenas no futebol de base, deixando para trás o futebol de 11 na formação. Para além da escassez de matéria humana para formar equipas nesses escalões, os responsáveis do clube pretendem também começar a criar raízes através dos escalões de base.

«Se já nos outros anos sentíamos muitas dificuldades em recrutar miúdos para as nossas equipas, com esta paragem a situação piorou porque não foi possível dar sequência à formação dos atletas. Por exemplo, os infantis já têm mais dois anos e assim sucessivamente. Por isso, decidimos por uma nova política que passa por ter apenas escalões no futebol 5 e de 7 e conforme eles forem avançando na idade vamos formando mais equipas», explicou Miguel Rodrigues.



FC AMARES - ANDRÉ FARIA

«TEMOS UMA EQUIPA FORTE QUE AINDA PODE CRESCER»



André Faria impôs-se rapidamente no meio-campo do FC Amares

André Faria chegou esta época ao FC Amares e depressa conquistou um lugar no meio-campo da equipa. Primeiro com Hugo Ramos e agora sob o comando de Nelson Martinho, tem sido um dos motores da equipa amarense neste arranque de campeonato da Pró-Nacional.

«Ainda não estou na minha máxima forma física, não estou a 100%.

Preciso de estar bem fisicamente porque a minha forma de jogar assim o exige. Quando isso acontecer ainda posso render mais», garantiu o médio, de apenas 22 anos, lançado nos seniores do Terras de Bouro por Xiço decorria a época de 2017/18.

«No final da temporada passada pensei que ia dar o salto para outra divisão, não foi possível, mas acabei por vir para um grande clube. Agora é trabalhar para chegar a outros patamares, quem sabe a uma liga profissional», apontou, deixando elogios ao actual clube. «Já conhecia o campeonato e também alguns colegas, embora como adversários. O FC Amares oferece boas condições e até merece estar numa divisão acima desta», juntou o médio.

Esta época, André Faria jogou os noventa minutos nas sete partidas disputadas até ao momento e marcou na goleada sobre o Vila Chã. O médio diz que o balanço é positivo, embora reconheça que no jogo das Marinhas a equipa «podia ter dado mais».

«Em Porto d' Ave foi o primeiro jogo da época e ainda não estávamos bem. Agora reconheço que na derrota nas Marinhas não estivemos bem. No entanto, demos

uma boa resposta no jogo seguinte. O FC Amares é uma equipa muito forte, temos um conjunto de bons jogadores jovens e com experiência, que já estiveram noutras divisões. Penso que esta equipa ainda pode crescer», disse o jogador, que aponta aos lugares cimeiros da Pró-Nacional.

«Queremos ganhar todos os jogos e andar lá em cima, de preferência em primeiro lugar. Sabemos que o Dumiense está muito forte, mas ainda estamos no início e não há equipas invencíveis. O campeonato vai ser equilibrado, embora não possamos fazer comparações com a época passada pois só fizemos 11 jogos», frisou.

«O 8 estava ocupado»

Um médio com golo

André Faria costumava jogar com a camisola 8. No entanto, este ano teve de mudar para o 20 pois essa camisola já pertencia a Rogério. «Os mais velhos têm prioridade», disse o jogador com um sorriso nos lábios. «Fiquei com o 20. Também gosto deste número», frisou. O médio tem como referência Renato Sanches, jogador do Lille e que costuma ser certeiro na hora de alvejar as balizas adversárias. «O ano passado fiz quatro golos em apenas 11 jogos, esta época ainda só marquei um, mas espero marcar muitos mais

«Mudou a forma de jogar»

André falou também do que mudou com a entrada de Nelson Martinho. «Continuamos a jogar no sistema de 4x3x3 mas a forma e as ideias são diferentes. Com o "mister" Hugo Ramos procurávamos ter mais a bola, com ataque organizado. Agora, somos uma equipa que procura mais a profundidade, mais agressivos e objectivos», disse o médio, que recentemente foi chamado por Hugo Santos para os treinos da Selecção Distrital da AF Braga.



«Isso é assunto da Direcção»

Saída de Hugo Ramos



André Faria ficou surpreendido com a saída de Hugo Ramos do comando técnico da equipa, mas diz que isso é um assunto que não lhe compete comentar. «Claro que não estávamos à espera, ainda por cima depois de uma goleada, mas nós, os jogadores, temos é de jogar e ganhar, o resto é com a Direcção», venceu.

Um engenheiro com queda para o futebol

Sucesso nos estudos e desporto

André Faria tem feito uma ascensão sustentada. SC Braga, Santa Maria, Rio Ave, Barroselas e Vilaverdense foram os clubes que fizeram parte do seu currículo na formação. Há três épocas, Xiço apostou no médio para integrar a equipa do Terras

de Bouro na Divisão de Honra. No ano seguinte deu o salto para o maior escalão da AF Braga e, na época passada, em apenas 11 jogos ao serviço do São Paio d' Arcos convenceu os responsáveis do FC Amares a contratarem-no para a seu

plantel. Para além do futebol, André também tem uma carreira académica de sucesso. O jogador está a tirar o Mestrado em Economia Industrial de Empresas na Universidade do Minho.



André Faria tem sido um dos indiscutíveis no meio campo do FC Amares

FC AMARES - EQUIPA B

Formar talentos para a equipa principal

Equipa B do FC Amares tem como finalidade potencializar jovens atletas



Guarda-redes: Pedro Lopes, Diogo Fernandes e Jorge Azevedo | Defesas: Pedro Costa, Hugo Matos, Diogo Peixoto, Mega, João Martins, Rafa, Neves, Duarte, Bruno Torres, Vilaça, Nelson Veloso | Médios: Mateus, Martins, Cardoso, Anderson, Gil, Pimentel, Vicente, Nuno Ribeiro, Nuninho | Avançados: Edu, Xiquinho, Hugo Silva, Caló, Mika, Josué e Diogo | Equipa técnica, treinador: Jorge Dias | Adjunto: Pedro Oliveira | Preparador físico: Hélder Leite | Treinador de guarda-redes: Cristiano Ribeiro

A Direcção do FC Amares apostou numa equipa B com o intuito de aproveitar os jovens que terminam a formação no clube e também outros atletas que tenham ambição de fazer parte do projecto desportivo dos amarenses. Jorge Dias foi o treinador escolhido para liderar a equipa e também potenciar e formar jogadores para a formação principal. E nesse aspecto o trabalho desenvolvido tem dado frutos, pois o plantel de Nelson Martinho já acolheu cinco atletas provenientes dos “bês”.

«Começámos a formar este plantel em Maio e por isso não foi difícil construir a equipa. Na pré-época tivemos muitos jogadores à experiência e, depois, alguns foram para a equipa A, o que dificultou o nosso trabalho. Por isso, só a três ou quatro semanas de iniciar o campeonato é que tínhamos plantel definido. No entanto, neste escalão nunca podemos dar nada como adquirido, pois a qualquer momento podemos ficar sem dois ou três jogadores», explicou o treinador, acrescentando que a ideia passa sempre por «potenciar

e preparar os jogadores para quando chegarem à equipa principal «não sentirem tantas dificuldades».

«Do nosso plantel inicial temos cinco atletas na equipa A e mais dois a treinar. Essa é a nossa ideia», anotou

Quanto aos resultados desportivos, a equipa até entrou bem no campeonato com uma vitória robusta no terreno do Lanhas. No entanto, nos jogos seguintes não conseguiu dar continuidade aos bons resultados. «Até temos feito boas exibições, temos é perdido nos pormenores e também por falta de alguma experiência. Não nos podemos esquecer que esta equipa é quase toda constituída por atletas com menos de 20 anos e quase todos eles a competir pelo primeiro ano nos seniores», venceu.

Dificuldades no planeamento

A juntar a isto, Jorge Dias diz que ainda subsiste a dificuldade no planeamento. «Podemos estar a trabalhar numa estratégia para um determinado jogo mas estamos sempre dependentes da equipa A,

que pode nos pedir determinados jogadores. A época também é planeada dependendo das necessidades da equipa principal. Por exemplo, no início planeámos ficar com cinco centrais e três laterais para compensar a falta de soluções nesses sectores na equipa principal. Só que neste momento está tudo ao contrário, pois já

precisámos de jogadores para a frente de ataque», explicou o treinador, que acredita muito no potencial de alguns dos seus jogadores. «Acredito que alguns deles vão chegar rapidamente à Pró-Nacional, pois são jogadores com formação de Nacionais», completou.



(Esquerda): Pedro Oliveira, Jorge Dias, Cristiano Ribeiro e Hélder Leite

Nuno Ribeiro | Médio do FC Amares B

«Confio muito neste projecto»

Nuno Ribeiro chegou do Maria da Fonte para procurar a sua sorte na equipa B dos amarenses. Com apenas 19 anos, ainda tem muitos sonhos no futebol e espera concretizar alguns ao serviço do FC Amares. «Acredito muito neste projecto e estou aqui para ajudar o clube a triunfar. Os últimos jogos não correram bem, mas nem sempre quem joga melhor é que ganha. Nesta divisão, por vezes, conta mais a experiência e a capacidade física e nesse aspeto perdemos um pouco para os nossos adversários. Mas temos muita qualidade e acredito que as vitórias vão aparecer», disse o médio.



Mika está de regresso ao FC Amares

«Acredito que vamos melhorar»

Com apenas 21 anos, Mika é um dos jogadores mais experientes da equipa B do FC Amares. O extremo está no clube há nove anos, tendo saído apenas na época de 2019/20 para o Rendufe. «Quando saí já foi com a intenção de um dia regressar, porque gosto muito deste clube», disse o jogador, natural da Freguesia de Caires.

«Temos um bom grupo, com muitos jogadores de fora do Concelho, pois não é possível formar uma equipa apenas com atletas da casa. O nosso foco é tentar andar nos primeiros lugares e se for possível atacar a subi-

da. As coisas não estão a correr muito bem, mas acredito que vamos melhorar», apontou um dos capitães da equipa amarense, que tem como meta chegar à equipa principal.

«Este é um bom campeonato para os jogadores mais jovens ganharem experiência e competitividade porque defrontamos equipas mais experientes. Dá para crescer e ficarmos mais fortes, tanto física como mentalmente. Quem está num projecto de equipa B tem sempre como finalidade chegar à formação principal», completou.



GD CALDELAS - TEKLA

Tekla está de regresso aos bons velhos tempos

Atacante do Caldelas marcou em todos os jogos que disputou

Depois de dois anos marcados por lesões, no ombro e no joelho, Tekla parece estar de regresso aos bons velhos tempos em que aterrorizava os guarda-redes adversários. Com um arranque de época muito produtivo (quatro golos noutras tantos jogos), o avançado do GD Caldelas promete atacar este campeonato com muita vontade de voltar à ribalta do futebol distrital.

«Nas cinco partidas para o campeonato marquei em quatro, contra o Sequeirense não joguei. A minha média antes das lesões era de 15 golos por época, mas nestes últimos anos baixei muito esse registo, também porque não joguei com a frequência que desejava. Um avançado vive de golos e quando está com o pé quente fica muito mais motivado», apontou o atacante, de 27 anos, que quer convencer o Seleccionador Distrital, Hugo Santos, que tem valor para ser chamado à Selecção da AF Braga.

«Já confidenciei com alguns dos meus amigos que esta época queria ir à Selecção Distrital. Sei que muitos dizem que para isso tenho de dar o salto para um clube da Pró-Nacional, mas quero demonstrar que nesta divisão também existe qualidade e jogadores com valor para lá chegar. Sei que os seleccionadores estão atentos porque ainda na última convocatória chamaram o Bruno Machado, da equipa do Candoso S. Tiago», atirou o avançado, que está a cumprir a oitava época com o emblema da equipa das Termas de Caldelas ao peito.

«Entrei no Caldelas com 20 anos e fui aprendendo a gostar deste clube. Já tive algumas propostas para sair, mas sei que para eles é muito difícil arranjar um ponta-de-lança. Por outro lado, tenho uma grande amizade com os capitães. Depois, a minha mulher é directora e o meu sogro Presidente e sei bem o que custa manter um clube em actividade. Por isso é que procuro ajudar dentro e fora do campo. Olhe, fui eu

que coloquei os novos holofotes no campo», confidenciou o jogador.

«Golos estúpidos»

O GD Caldelas soma seis pontos nas cinco jornadas disputadas (tem um jogo em atraso, com a Oliveirense) na série B da Divisão de Honra. A equipa orientada por André Duscher soma apenas uma derrota, em casa, com o Bairro FC, actual líder do campeonato, mas também só venceu uma partida.

«Sinceramente, estávamos à espera de ter pelo menos mais seis pontos. O problema é que temos sofrido quase sempre muito cedo e depois temos de andar a correr atrás do resultado. A maioria desses golos são estúpidos, em lances banais e por falta de concentração. Contra mim falo, porque no jogo com o Bairro fui eu a cabecear a bola ao primeiro poste e eles marcaram ao segundo, numa jogada para a qual estávamos avisados. Claro que isto um, dois, três jogos faz moossa, principalmente nos jogadores mais jovens do plantel. A obrigação dos mais velhos é a ajudá-los a ultrapassar isso», apontou.

«Olhos nos olhos»

Tekla acredita, no entanto, que depois do triunfo diante do Sobreposta «as coisas vão melhorar». O avançado sublinhou ainda que o Caldelas tem capacidade para «jogar olhos nos olhos» com qualquer equipa. «No único jogo que perdemos (1-2) encostámos o Bairro às cordas. É uma equipa que mantém a mesma base da época passada e que andou a lutar pelos lugares de subida. Empatámos em S. Cosme contra uma equipa que joga muito bom futebol, acredito que pode ser uma das supresas do campeonato. E atenção ao Celeirós...», atirou o jogador, que indica as equipas do Este FC, da Oliveirense e do Bairro FC como candidatas ao título.



«Não tenho medo de ter bola»

Avançado está a cumprir a oitava época em Caldelas

João Davide Gonçalves Vieira, conhecido por Tekla, natural da Póvoa de Lanhoso, começou a jogar no Rendufe FC. Depois, esteve um ano no Celeirós e meia época no Maria da Fonte antes de assinar pelo GD Caldelas na época de 2014/15.

«Sou um jogador que não tem medo de ter bola e deixa sempre tudo dentro de campo. Por vezes até posso nem estar a jogar bem mas nunca me podem acusar de falta de empenho», apontou o avançado, que marcou o golo do triunfo diante do Sobreposta. «Gosto de jogar mais no sistema de 4x3x3 porque tenho mais liberdade. No entanto, na época passada quando joguei em 4x4x2 com o Rafa adorei. Foi talvez o melhor avançado com quem joguei», afirmou.



«Claro que o futebol entra em casa»

É casado com a tesoureira que é filha do Presidente

Com uma mulher directora (Marlene Lima) e um sogro Presidente (Domingos Lima), é muito difícil que o futebol fique à porta da casa de Tekla. «Obrigatoriamente o futebol tem de entrar em casa, é impossível não falarmos, até porque eu só sei falar de futebol», atirou o jogador, confidenciando que procura dar algumas opiniões, até porque conhece bem a forma de pensar dos jogadores. O atacante ainda que acolhe bem a crítica, só não admite «bocas» da bancada.

TERRAS DE BOURO

Apesar de contar ter mais quatro pontos nesta altura, Cristiano Ferreira faz um balanço positivo destas seis jornadas no comando da equipa do Terras de Bouro na série B do campeonato da Divisão de Honra da AF Braga.

«Pelo menos em dois jogos que empatámos tivemos um grande volume ofensivo que não foi aproveitado. Por isso, acho que podíamos ter somando mais quatro pontos, o que nos deixaria numa posição muito mais confortável na tabela classificativa. Mas é um registo positivo olhando a todas as condicionantes que tivemos, com os muitos jogadores de férias e outros a chegarem a conta-gotas ao plantel, até porque fizemos a pré-época sempre com 11/12 jogadores», venceu o treinador do Terras de Bouro, que nas seis jornadas do campeonato apenas perdeu no terreno do Este FC. «Devido a todas estas condicionantes penso que estamos dentro do que perspectivamos. Neste momento estou muito satisfeito com a resposta dos jogadores», anotou.

Solidariedade em Guilhofrei

Cristiano Ferreira elogiou ainda a capacidade de sofrimento e espírito de entreajuda da equipa no jogo em Guilhofrei. «Num campo difícil, frente a uma grande equipa, ficámos com menos um jogador à meia hora de jogo. A equipa deu uma resposta muito boa, de entreajuda e solidariedade, e o jogo até podia pender para nós na parte final. Por isso, estou confiante que a equipa vai continuar a melhorar», apontou.



CRISTIANO SATISFEITO COM A RESPOSTA DOS JOGADORES

► ► Treinador do Terras de Bouro contava ter mais quatro pontos

«Só vamos contratar só pela certa» Apesar de se mostrar satisfeito com trabalho dos jogadores, o treinador do Terras

de Bouro admitiu que a equipa precisa de ser retocada em alguns sectores. «Temos de reforçar uma ou outra posição, mas não

vamos contratar ninguém apenas por contratar, queremos fazê-lo pela certa. Vamos aguardar mais algum tempo», completou.

«Fiquei agradavelmente surpreendido»

Tiago Pereira chegou ao Terras de Bouro com o comboio em andamento

Tiago Pereira chegou ao Terras de Bouro com o comboio em andamento. O central entrou apenas na segunda jornada do campeonato da Divisão de Honra da AF Braga, série B, com o intuito de ajudar o clube a realizar um campeonato tranquilo, sem muitos sobressaltos na tabela classificativa. O jogador diz que ficou «agradavelmente

surpreendido» com o valor do plantel.

«Sinceramente, até estava a pensar em deixar de jogar, mas como o Cristiano (treinador) é meu amigo convenceu-me a vir para o Terras de Bouro. Fui bem recebido por todas as pessoas e fiquei muito agradado, posso dizer até que surpreendido com a qualidade existente no plantel. Foi uma

agradável surpresa», começou por expor o central, de 37 anos.

«A parte pior penso que vai ser o Inverno (risos), mas como vimos todos numa carinha o tempo passa muito melhor», acrescentou o jogador, que fez a sua estreia com a camisola do Terras de Bouro contra a sua ex-equipa.

«O jogo com o Este perdemos bem, mas ficámos com menos um jogador à meia hora de jogo. Nos outros jogos, à excepção do Emilianos, que também tem uma grande equipa, estivemos quase sempre por cima dos adversários. Não temos sido felizes na finalização, até porque penso que já mandámos 10 bolas aos ferros. Posso dizer que os resultados não condizem com as exibições», apontou o central.

Nas seis jornadas disputadas até ao momento, a equipa do Terras de Bouro somou uma vitória, quatro empates e uma derrota. Tiago Pereira diz que a equipa vai crescer com o desenrolar do campeonato. «Temos capacidade para lutar de igual com quase todas as equipas. Por isso, podemos perfeitamente fazer um campeonato tranquilo, sem sobressaltos. Quanto mais rapidamente atingirmos a manutenção mais tranquilos vamos ficar e o futebol vai fluir naturalmente porque vejo qualidade e muito empenho neste grupo de trabalho», completou o jogador que ao longo da sua carreira representou clubes como Celeirós, Martim, Peões e Este FC.

Aponta Este FC à subida

Tiago Pereira não tem dúvidas que o Este FC é um sério candidato a subir ao campeonato da Pró-Nacional. «É uma equipa que joga há muitos anos junta e este ano ainda se reforçou com jogadores de qualidade», frisou. O jogador sublinha, porém, «que é preciso ter em conta equipas como a Oliveirense, o Bairro e próprio Emilianos».



Tiago jogou no Este FC nas duas últimas épocas

GD GERÊS

«As coisas estão a surgir com alguma naturalidade»

GD Gerês ainda não perdeu nesta temporada



Quatro jogos, três vitórias e um empate. É este o registo do GD Gerês na série E do campeonato da I Divisão da AF Braga. Uma entrada de leão na nova época da equipa orientada por Vitinho que começou logo com uma vitória para a Taça, no primeiro jogo oficial, na casa do Rendufe. Apesar destes números positivos, o treinador dos geresianos é comedido nas palavras, sublinhando que a «maratona está a apenas a começar» e que por isso não vale a pena «entrar em grandes euforias».

«Se me perguntasse no início do campeonato se estava à espera de três vitórias e um empate nas quatro primeiras jornadas era capaz de ponderar um pouco a resposta e dizer-lhe que íamos pensar jogo a jogo. Fizemos uma boa pré-época e as coisas estão a surgir com alguma naturalidade. Agora não quer dizer que não vamos perder nenhum jogo. Até ao momento estou muito contente, mas estamos apenas no início do campeonato e no futebol as coisas podem mudar rapidamente», disse Vitinho, que mantém o mesmo discurso que teve no arranque da época.

«Queremos tentar fazer melhor do que nas últimas épocas. Claro que entrar bem no campeonato pode ajudar porque é sempre melhor trabalhar sobre vitórias do que sobre derrotas. Os níveis de confiança estão mais elevados e estes 10 pontos já ninguém nos tira», apontou.

«Campeonato com boas equipas»

A competir fora do seu habitat natural (normalmente joga na série B), Vitinho diz que a única diferença que encontra prende-se com o facto de não ter um maior conhecimento do valor das equipas. De resto diz que esta série é muito competitiva, com bons treinadores que preparam bem as suas equipas.

«É uma série que tem bons treinadores, que trabalham bem e que valorizam muito esta divisão. A única diferença que encontro está no facto de não conhecer os jogadores. Encontrámos no último jogo, em São Tiago Pinheiro, um pelado muito pequeno, mas existem outros campos com bons sintéticos e com equipas a praticar bom futebol. Quem pensar o contrário está enganado», completou.

RENDUFE FC

«Neste momento é precoce estar a falar em subidas»

GD Gerês ainda não perdeu nesta temporada

Vítor Magalhães, conhecido no mundo da bola por Vitinho, foi o treinador escolhido pela Direcção do Rendufe FC para substituir Renato Silva no comando técnico da equipa sénior dos rendufenses na série B do campeonato da I divisão da AF Braga. O treinador mostrou-se contente com o regresso ao banco e explicou porque decidiu aceitar este novo desafio na sua carreira.

«Primeiro é um sinal que as pessoas confiam no meu trabalho. Posso dizer que tive convites de dois clubes, mas achei que as condições não eram apropriadas para mim. Depois, surgiu o convite do Rendufe, um clube que está em crescimento, com boas condições e com um projecto para o futuro que me agradou. Por isso, decido aceitar pegar na equipa», contou o técnico, que teve um tempo extra para preparar a equipa para o primeiro jogo.

«Não fomos nós que pedimos o adiamento do jogo, com o Maria da Fonte B, mas até calhou bem, pois a seguir tivemos mais tempo para preparar a equipa e recuperar alguns jogadores», frisou o treinador, que nos últimos quatro anos trabalhou na equipa do Caldelas.

«Já conhecia alguns jogadores que foram treinados por mim, outros ainda foram meus colegas de campo. A equipa tem qualidade, mas o plantel está desequilibrado. Por exemplo, para

o próximo jogo só temos dois centrais disponíveis. Um plantel não pode ter só três jogadores para essa posição nem apenas dois laterais de raiz. Depois, um plantel com 26 jogadores traz sempre problemas porque não podemos treinar com a intensidade que pretendemos. Vamos ver o que vamos fazer», atirou o técnico.

Vítor Magalhães sublinhou ainda que não vai ser fácil atacar a subida nesta época. «A Direcção gostava de fazer um brilharete e tentar subir. Mas já lhes disse que para se subir primeiro o clube tem de criar estruturas e não falo apenas ao nível dos jogadores. Penso que neste momento é precoce estar a falar em subidas, até porque temos um plantel com pouca experiência, com muita juventude que nunca lutou por esses objectivos», explicou.

No entanto, o treinador diz que a equipa tem qualidade para andar nos lugares cimeiros e quem sabe ser um outsider, pois, na sua opinião, a série B tem equipas mais fortes. «Temos equipas como a Ribeira do Neiva e o Palmeiras, que apostaram muito forte na subida. Depois, existem outras equipas como o S. Mamede o Porto d' Ave B que também podem surpreender. Nós vamos honrar esta camisola», afirmou o treinador, que vai trabalhar com os adjuntos Luís Marques, Leonel Martins e Nuno Abreu.



RIBEIRA DO NEIVA - CHUTEIRAS

«Estou cada vez mais entusiasmado»

Chuteiras chegou esta época ao Ribeira do Neiva



Nuno José Ribeiro Arantes, conhecido no mundo da bola por Chuteiras, chegou esta época ao Ribeira do Neiva com o propósito de ajudar o clube a regressar à Divisão de Honra da AF Braga. O lateral faz um balanço positivo das primeiras quatro jornadas do campeonato, onde a equipa venceu dois jogos e empatou outros tantos na série B da I Divisão Distrital. «As coisas estão a correr bem, até ao momento ainda não perdemos. Tinha boas referências do clube, pois quando me fizeram a proposta recolhi informações, mas cada vez fico mais entusiasmado com a decisão que tomei quando decidi assinar pelo Ribeira do Neiva», começou por expor o lateral dos ribeirenses. «Acredito que ainda vamos melhorar muito. Queremos fazer algo de bonito, que é lutar pela subida, embora não estejamos obcecados com isso, mas vamos fazer tudo para concretizar esse objectivo», acrescentou o jogador, de 31 anos, que faz parte da defesa menos batida da sua série com apenas um golo sofrido em quatro jogos. «O campeonato está equilibrado, embora neste momento já se perfilam algumas equipas na luta pela subida. No entanto,

com uma ou duas derrotas podem dar um tombo, acontecendo o inverso a quem vencer dois jogos seguidos. Até ao momento apenas três equipas ainda não perderam, a nossa, o Palmeiras e o Porto d'Ave B, que lidera actualmente a classificação. Penso que isso também cativa os jogadores para estarem mais motivados», apontou. Chuteiras abordou, ainda que pela rama, o actual momento dos possíveis adversários do Ribeira do Neiva na luta por um lugar na subida à Divisão de Honra da próxima época. «Gostei da equipa B do Porto d'Ave, fala-se também da equipa do Palmeiras, que ainda não defrontámos, mas ainda é cedo para formar uma ideia mais concreta do real valor das equipas que possam andar na linha da frente, pois acredito que ao longo do campeonato podem surgir algumas surpresas na luta pelos primeiros lugares. Quem quiser subir tem de ser uma equipa regular ao longo da prova. Nós temos conseguido de alguma forma manter essa regularidade, embora, na minha opinião, nos dois empates que tivemos (Porto d'Ave B e S. Mamede) tenhamos sido superiores aos nossos adversários», completou.



De onde vem o nome Chuteiras?

«É uma história curiosa. Surgiu quando eu tinha cerca de 10 nos torneios de rua. Nessa altura tinha a "panca" de que as minhas sapatilhas tinham de ser iguais às chuteiras. Então um dia, num desses torneios, eu já estava atrasado e com a pressa em vez calçar as sapatilhas coloquei as chuteiras, que até já tinham os pitons um pouco gastos. Então lá fui eu para o alcatrão jogar de chuteiras. Como até fiz bons jogos acabaram por me chamar Chuteiras. Um nome que ficou até aos dias de hoje».

PICO DE REGALADOS



Alfredo aponta as lesões e a falta de traquejo para justificar o mau arranque do Pico



O Pico de Regalados soma apenas três pontos nas primeiras quatro jornadas do campeonato da I Divisão, série B. Um arranque pouco produtivo da equipa picoense, mas que para Alfredo Pimenta tem uma explicação. «Embora não queira arranjar desculpas, não contávamos que a uma semana do arranque do campeonato quatro dos nossos melhores jogadores se tivessem lesionado. Tivemos de fazer algumas adaptações e a equipa ressentiu-se», apontou o treinador do Pico de Regalados, acrescentando que o facto de a equipa ter sofrido, quase sempre, golos no início dos jogos acabou por intranquilizar os jogadores. No entanto, Alfredo acredita que a equipa vai crescer ao longo do campeonato. «Para ser sincero, até estava com mais receio, mas a verdade é que, apesar das derrotas, con-

seguimos equilibrar os jogos. Vamos crescer muito. Sinto isso nos treinos e no espírito da equipa, que está com vontade de dar a volta a esta situação. Penso que isso pode ter acontecido no jogo com o FC Amares B, em que conseguimos uma vitória diante de uma das equipas que melhor futebol pratica na nossa série, o que valoriza mais a nossa vitória», disse o técnico. «Vão ganhar maturidade rapidamente» Alfredo Pimenta sublinha ainda que a equipa é composta por muitos jogadores que estão a jogar pela primeira vez neste campeonato e quando defrontam formações mais maduras os pormenores acabam por fazer toda a diferença. Acredita, porém, que os seus "meninos" vão crescer rapidamente. «Temos muitos jogadores de primeiro ano e contra as equipas mais experientes sentem

mais dificuldades. Mas eles crescem rápido e não vai ser preciso esperar pelo fim da época para estarem muito mais maduros», afirmou. «Vai ser taco-a-taco» O treinador do Pico de Regalados mostrou-se ainda convicto de que este campeonato vai ser muito disputado e ainda vão surgir muitas supressas ao longo da prova. «Todos os jogos vão ser disputados "taco-a-taco". Vai ser um campeonato muito equilibrado e nós também podemos fazer alguma coisa. Já jogámos contra Maria da Fonte B, o Merelim S. Paio, Palmeiras e FC Amares B e nos três jogos que perdemos foi sempre pela margem mínima, pelos pormenores. De resto, a equipa tem estado bem. Acredito muito neste grupo de jogadores», rematou o treinador.

VILA VERDE A CORRER

VILA VERDE A CORRER JÁ FORMOU UMA EQUIPA DE TRAIL

Associação elegeu órgãos sociais para o próximo biénio

A Associação “Vila Verde a Correr” elegeu, no dia 22 de Outubro, os órgãos sociais para o próximo biénio. Os 27 associados presentes na Assembleia-

-Geral eleitoral, realizada no auditório da Escola Secundária de Vila Verde, votaram todos na única lista que se apresentou a sufrágio, liderada por Pedro Pinheiro, que

assim fica mais dois anos na presidência da Associação.

«A nossa primeira decisão foi formar a equipa de Trail do Vila Verde a Correr. Temos muitos atletas que fazem boas marcas nas provas e outros que estão a despontar. Para além disso, penso que podemos acolher mais alguns que estão noutras equipas. Podemos formar uma boa equipa», disse Pedro Pinheiro ao Desportivo.

O presidente da colectividade de Vila Verde pretende fazer mais actividades desportivas ao ar livre, como a realização de caminhadas e algumas provas concelhias que estiveram paradas devido à pandemia. «Vamos continuar com as nossas corridas todas as terças-feiras, mas queremos alargar o leque de opções para os nossos associados. Por isso, vamos realizar algumas caminhadas ambientais e também queremos voltar a organizar o Trail Antonino, em conjunto com a Câmara, que era uma das nossas provas mais emblemáticas. No entanto, reforço, a nossa grande aposta é mesmo a criação de uma equipa de Trail», frisou.

A Associação “Vila Verde a Correr” foi fundada em 2016 e conta actualmente com meia centena de associados.



Órgãos sociais do Vila Verde a Correr eleitos em Outubro

ÓRGÃOS SOCIAIS

ASSEMBLEIA-GERAL

Presidente: Filipa Vilela
1.º Secretário: Avelino Macedo
2.º Secretário: Aurora Reis

DIRECÇÃO

Presidente: Pedro Pinheiro
Vice-presidente: Maria José Santos
Tesoureiro: Filipe Alves

CONSELHO FISCAL

Presidente: Flor Fernandes
1.º Secretário: Paula Sousa
2.º Secretário: Ricardo Fernandes



Assembleia-geral eleitoral com 27 associados

PUBLICIDADE

Inglês | Gestão de Stress | Fotografia e vídeo

Formações financiadas

- Ativos e desempregados
- Certificado de qualificações
- Subsídio de alimentação
- 100% financiada

Se está interessado(a), garanta a sua participação e inscreva-se:

917 005 322 // geral@aevh.pt // www.aevh.pt

Entidade formadora:

Cofinanciado por:



VIEIRA SC - LUÍS FIGUEIRA

«MIL CAPÍTULOS DE UMA OBRA DE AMOR ETERNO»



► ► Luís Figueira atingiu mil jogos como massagista do Vieira SC

Luís Figueira é um símbolo, uma das maiores referências do Vieira SC e também o porta-estandarte do clube. O carinho com que é recebido pelos jogadores, treinadores e dirigentes do clube e mesmo na casa dos adversários denota que estamos perante uma pessoa que cultivou várias amizades ao longo destas três décadas dedicadas ao clube da sua terra de origem.

No dia 10 de Outubro, Figueira completou mil jogos como massagista do

emblema de Vieira do Minho. Antes do apito início do jogo com o Ribeirão, que até acabou mal para a sua equipa (perdeu 0-1), a Direcção do Vieira SC decidiu prestar-lhe uma homenagem, tendo para o efeito convidado também o Vice-Presidente da AF Braga, Miguel Azevedo, e o Presidente do Conselho de Disciplina, João Gonçalves.

Para além de ter recebido uma lembrança alusiva ao feito histórico, o massagista viu ainda o seu nome eternizado na sala

de fisioterapia, que agora passa a designar-se por “Sala Dr. Luís Figueira”.

O Desportivo teve oportunidade de entrevistar um dos símbolos do Vieira SC, que lembra as manifestações de carinho, como foi a sua entrada no clube, as alegrias, as tristezas, os três meses que esteve com os dois pés fora do clube e o que está reservado para o futuro.

Prestes a cumprir 60 anos, é tempo de dizer adeus aos relvados do distrito. No final da temporada, o senhor mil jogos vai

colocar um ponto final numa carreira que lhe deu «muitos e muitos amigos».

Emocionou-se depois desta demonstração de tanto afecto e carinho?

Muito. Foi uma homenagem que me marcou muito. Não estava à espera de tanto apoio, tantas mensagens e telefonemas a darem-me os parabéns. O que me emocionou mais foi a placa com o meu nome no departamento médico. Isso fica para a vida.

O que significam estes mil jogos ao serviço do Vieira SC?

Penso que a este nível é uma marca inigualável no país, pois apenas faço um jogo por fim-de-semana. A nível de títulos ganhei tudo o que havia para ganhar neste clube. Subi à II Divisão B, ao Campeonato Nacional de Seniores e estive 18 anos na III Divisão Nacional. Aprendi muito como homem, o bom e mau, mas só guardo recordações muito boas. Passaram-me centenas de jogadores e treinadores pelas mãos. Em qualquer campo que visite tenho um amigo.

Como surgiu o convite para integrar o departamento médico do clube?

Nessa altura, estava no clube o senhor Domingos, que infelizmente já faleceu. Eu tinha terminado o curso e o Jonas e o Varinhas, jogadores do clube, indicaram-me aos dirigentes do Vieira. Como o meu curso era de análises clínicas tive de fazer várias formações e acabei por me especializar em lesões. Trabalhava no Porto, mas vinha dormir todos os dias a Vieira do Minho e comecei a gostar cada vez mais do clube e daquilo que fazia. Isto é uma doença, mas uma doença saudável. O pior é que geralmente quem paga mais é a família. Já conversei com o Presidente e este é o meu último ano.

Ponto final na ligação

Vai deixar o clube na próxima época?

Entrei neste clube com 29 anos e já vou fazer 60. Tenho duas hérnias e tenho de me tratar e dedicar mais tempo à família.

Durante estes 30 anos apenas esteve ao

serviço do Vieira SC?

Sim, apenas saí durante três meses. Foi um dos poucos episódios que me deixam mágoa e que nem gosto muito de recordar. Foi na época em que subimos à II Divisão B, com o “mister” Pedro Rui. Nesse ano

chovia no posto médico e então a Direcção colocou as marquises fora de portas. Não pactuei com isso e fui-me embora. Foram buscar um senhor de Fafe, mas depois quando o Louro assumiu o comando da equipa voltaram a chamar-me.



Luís Figueira teve direito a guarda de honra no jogo com o Ribeirão (Foto do Vieira SC)



«Um bom fisioterapeuta é melhor do que um bom ponta-de-lança»

Figueira destaca a importância dos clubes terem um bom departamento médico

Luís Figueira diz que os clubes estão cada vez mais consciencializados para a importância de ter um departamento médico apetrechado com os melhores meios materiais e humanos.

Quais foram as lesões que mais o marcaram?

Foi a do Marcelino, um jogador do Vieira, já na casa dos 30 anos. Era o meu primeiro ou segundo ano nos seniores e num jogo-treino, em Guimarães, ele fez uma dupla fractura do pé e do perónio. O pé ficou virado ao contrário, uma imagem impressionante. Depois aconteceu a mesma coisa a um júnior durante um treino.

E quais as mais recorrentes?

Entorses, micro-roturas e tendinites são o pão nosso de cada dia. Roturas de ligamentos e de cruzamentos também apañei centenas.

Hoje em dia os clubes estão mais bem preparados?

Não tem comparação. No meu tempo nem havia fisioterapeutas. Quando cheguei ao clube tinha um hidrocolector que até dava choques. Ao longo dos anos o clube foi-se apetrechando com mais e melhor material e eu também fui aprendendo muitas coisas. Isto não quer dizer que não precisamos de melhorar as condições.

E também estão mais consciencializados da importância dos fisioterapeutas. São uma peça imprescindível no futebol

moderno?

Digo sempre aos clubes para apostarem num bom elemento para o departamento médico que é uma mais-valia. Hoje ter

um bom fisioterapeuta ou recuperador de atletas é melhor do que ter um bom ponta-de-lança. O recuperador é que prepara o jogador para marcar golos.



AF Braga presente na homenagem ao massagista (foto do Vieira SC)

«Transmiti a mística aos meus»



Tem consciência que é um símbolo do Vieira?

Tenho e ao longo destes anos transmiti essa mística aos meus filhos, que até podem ter outro clube, mas ensinei-lhe que primeiro está sempre o Vieira. Incuti-lhes a mística do clube.

Quais as melhores recordações?

Guardo todas as conquistas pelo clube desde as taças a títulos de campeão. As brincadeiras nas viagens à Madeira e a Trás-os-Montes, com o António Miranda, o roupeiro, pai da nossa Paula, que também está clube, com os Presidentes Leonel e o António, que infelizmente também já nos deixaram.

E as menos boas?

Sinceramente, tenho poucas. Tirando aquele episódio que me afastou do clube durante algum tempo, não tenho mais nada de negativo.

«Ninguém está triste ao lado dele»

Roger Bastos não poupou elogios

Roger Bastos, treinador do Vieira SC, partilhou ao longo de quase 10 anos, muitas histórias com Luís Figueira e sublinha o «enorme humanismo» de alguém que «sente o Vieira SC de forma especial».

«É um ser humano de eleição. Arrisco-me

a dizer que, no desporto, já não há pessoas como ele. Alia a sua dedicação e profissionalismo a um enorme espírito de grupo», começa por dizer o técnico.

«Ninguém está triste ao lado dele. É um sentimento enorme que tem pelo clube,

vive-o de forma diferente. Alguém que se emociona facilmente e, quando vemos pessoas destas passar para nós esse sentimento, obriga-nos a respeitar este homem maravilhoso. Tenho o privilégio de ser seu amigo», terminou.



Figueira muito acarinhado pelo plantel do Vieira (foto do Vieira SC)

MARIA DA FONTE - HENRIQUE VIEIRA

«A GRANDEZA DESTE CLUBE EXIGE Q

Henrique Vieira está a cumprir a 12ª época no Maria da Fonte

Henrique Vieira está a cumprir a 12ª temporada ao serviço do Maria da Fonte. Ao longo da sua carreira, o médio de 25 anos apenas conheceu mais três clubes: o FC Porto e o Vitória SC, nas camadas jovens, e o Merelinense, clube no qual esteve apenas durante meia época.

«Representar o Maria da Fonte tem um sabor especial. Este sempre foi o clube da minha avó. Todo este trajecto no clube é também por ela e para ela», confidenciou o jogador ao Desportivo.

Henrique abordou ainda o actual momento da equipa no Campeonato de Portugal num arranque de época que para ele tem sido um pouco aos solavancos. O jogador esteve algum tempo lesionado, recuperou e recentemente voltou a frequentar o posto médico do clube.

Que balanço faz do campeonato até ao momento?

O balanço é positivo. Estamos em quarto lugar, a seis pontos dos dois primeiros lugares, sabendo que ainda estamos no início e faltam muitos jogos.

Estava à espera de ter mais pontos?

Não só eu, como toda a estrutura que está envolvida esperava ter mais pontos, até porque o Maria da Fonte joga sempre para ganhar todos os jogos. No entanto, nos jogos em que não conseguimos pontuar não fomos inferiores em nada ao adversário, antes pelo contrário, mas faz parte do futebol.

Individualmente a época está a correr como desejava?

Está muito longe de correr como desejava, creio que o azar me tem batido, consecutivamente, à porta, mas aos poucos, e trabalhando arduamente, estou a voltar à minha melhor forma para ajudar os meus companheiros e o clube a fazer uma grande época.

E quais são as metas?

Com a grandeza deste clube, as metas e a exigência têm que ser sempre máximas, trabalhando sempre na máxima força, durante a semana, para chegar ao fim-de-semana e ir em busca dos três pontos, seja contra quem for. Esse é o espírito que caracteriza o Maria da Fonte. Penso que estando todos envolvidos neste pensamento no final da época seremos felizes.

«Sinto-me confortável neste sistema»

O clube trocou de treinador. Como foi a adaptação?

Com o novo treinador chegaram novas ideias, novos métodos de trabalho, sistema diferente, onde particularmente me sinto bastante confortável. A adaptação não poderia ter sido melhor, com toda a gente comprometida, a trabalhar duro e, acima de tudo, confiantes com as ideias e métodos da nova equipa técnica.

«Os grupos fortes vão-se construindo»
Que avaliação faz do grupo. Está mais forte?

Os grupos fortes vão-se construindo ao longo dos anos. O Maria da Fonte tem uma particularidade, que é saber receber bem todos os atletas. Por isso, os jogadores que estão no clube há mais anos têm o cuidado de mostrar a quem chega a importância/exigência que é vestir esta camisola. Este ano não fugiu à regra. Os jogadores que chegaram rapidamente se identificaram e se envolveram no espírito do grupo. Temos também na equipa B muitos jogadores jovens, muitos deles no primeiro ou segundo ano de sénior, e temos também esse cuidado de os aconselhar para que estejam o mais rápido possível preparados para a exigência deste campeonato.

Em relação à época passada

Henrique diz que o campeonato «perdeu competitividade e qualidade»

Henrique Vieira diz que com surgimento da Liga 3 o campeonato perdeu muitas equipas e jogadores e por isso é normal que tenha também perdido qualidade e competitividade.

O campeonato perdeu competitividade com a criação da Liga 3?

Não tirando o devido valor as equipas que se mantiveram no Campeonato de Portugal, claro que com a criação da Liga 3 a competitividade baixou um pouco em relação aos outros anos. Penso que não só a competitividade, como também a qualidade, mas isso é perfeitamente natural.

Na sua opinião quais os candidatos aos primeiros lugares na série A?

Olhando para tudo o que envolve uma equipa de futebol (orçamento/jogadores) vejo o Lank Vilaverdense e o Marítimo B na frente. Quando à nossa equipa penso que podemos andar ali a morder os calcanhares. No entanto, no futebol os orçamentos não ganham jogos.

Como é fazer tantas viagens à Madeira num projecto amador?

Somos um plantel amador, mas trabalhamos como profissionais. É muito complicado para alguns depois de uma semana inteira de trabalho chegar a sexta-feira ter treino e no dia seguinte fazer uma viagem. Jogar, regressar no domingo e voltar novamente à rotina do trabalho. Acaba por ser muito desgastante, mas a paixão pelo futebol fala mais alto.



Fotografia | Maria da Fonte

«QUE AS METAS SEJAM SEMPRE ALTAS»



«Representar este clube tem um sabor especial»

Henrique só conheceu mais três clubes na sua carreira

Henrique Vieira é um dos jogadores do actual plantel do Maria da Fonte com mais anos no clube e diz que tem representar os mariafontistas tem um sabor especial muito por causa da sua avó.

clube da minha avó.

Não havia FC Porto, Benfica ou Sporting. Para ela só existia o Maria da Fonte. Todo este trajecto que tenho vindo a percorrer no clube é também por ela e para ela.

Jogou quase toda a sua carreira no Maria da Fonte. É um clube que lhe diz muito?

Eu costumo dizer que o Maria da Fonte não é a minha segunda casa mas sim a primeira. Foi aqui que me formei como jogador e como homem. Tive passagens pelo Vitória SC e pelo FC Porto nas camadas jovens, mas foi neste clube onde sempre me senti bem. Representar o Maria da Fonte tem um sabor especial porque este sempre foi o

Ainda sonha chegar a uma liga profissional?

Qualquer jogador sonha em chegar a uma liga profissional. Mas não é só chegar lá. Temos que perceber em que condições, se vale realmente a pena em termos financeiros e pessoais. Já tive oportunidade para ir para ligas profissionais, cá em Portugal e no estrangeiro, mas certamente não seria a melhor escolha, tanto a nível profissional como pessoal.

«Sinto-me mais confortável no 4x3x3»

Em que sistema e posição gosta mais de jogar?

Por acaso tenho a facilidade de me adaptar aos diversos sistemas, seja 4-4-2, 4-3-3

ou o famoso 3-4-3. No entanto, onde me sinto mais confortável é no 4-3-3, sendo um dos dois médios à frente do pivô defensivo (8/10).



Fotografia | Maria da Fonte

Fotografia | Maria da Fonte

PORTO D'AVE

«Ter estes pontos é bom, mas ainda não conquistamos nada»

Porto d' Ave está a surpreender no campeonato da Pró-Nacional

O Porto d' Ave está a ser uma das agradáveis surpresas na série A do campeonato da Pró-Nacional da AF Braga. A equipa da Freguesia de Taíde, na Póvoa de Lanhoso, segue na segunda posição, com 14 pontos conquistados, fruto de quatro vitórias, dois empates e uma derrota sofrida na casa do líder Dumiense.

João Fernando reconhece que este bom arranque de campeonato é consequência do trabalho desenvolvido na época passada.

«A partir do momento que soubemos que não descia ninguém, embora só faltassem quatro ou cinco jogos, começámos logo a preparar esta época. Dentro do nosso orçamento, procurámos trazer alguns jogadores que já conheciam a casa, como foi o caso do Moreira e do João Pedro. Era fundamental contratar jogadores com qualidade, mas que ao mesmo tempo tivessem uma ligação sentimental ao clube. Depois surgiu o projecto dos sub-23 e sabíamos que tínhamos de gerir um grupo de atletas para jogar na equipa principal e se fosse necessário jogarem também nos sub-23. Essa conjugação, trabalhada pela minha equipa técnica, com a minha supervisão, permitiu-nos, pelo menos para já, que as duas equipas estejam a ter uma boa performance nos respectivos campeonatos», começou por expor o treinador, que completou 57 anos no dia 30 de Outubro.

«Os jogadores que estavam cá no ano passado e há dois anos sofreram muito. Olhar para a tabela e ver a equipa no fundo, com os adeptos longe, causou cansaço à Direcção, aos jogadores e treinadores. O que procurei fazer foi imbuir a equipa de um espírito diferente para a levar às vitórias. No entanto, para isso tínhamos de trabalhar tanto ou

mais do que os outros, pois sabemos que neste campeonato há três ou quatro equipas com objectivos de subir e as restantes, onde estamos incluídos, lutam pela manutenção. Por isso, ter 14 pontos à sétima jornada deixa-nos satisfeitos, mas ainda não chega para os nossos objectivos, ainda não ganhámos

nada», juntou João Fernando, que por opção esteve alguns anos afastados do banco.

«Disse em algumas entrevistas que o futebol estava a cansar-me. Primeiro, por alguma falta de palavra dos responsáveis dos clubes e também de alguns jogadores que vamos encontrando. Depois, quando

saí do Ninense, em 2015, assumi um compromisso numa instituição, em S. Torcato, que me ocupava muito tempo. No entanto, com pandemia, a actividade cultural dessa associação parou e fez com que regressasse a Porto d' Ave», explicou o treinador.



«Há quem não consiga exemplificar um movimento»

João Fernando diz que para além da teoria é preciso outras coisas



João Fernando considera que existe uma geração de jovens treinadores com qualidade mas lembra que ter apenas conhecimentos teóricos não chega. «Mesmo com a minha idade, se tiver de exemplificar como se faz um cruzamento ou uma recepção orientada, tenho condições para o fazer, mas há quem não o consiga. A parte teórica é muito importante no futebol, mas se não formos capazes de exemplificar na prática a um jogador um

movimento fica tudo mais difícil. Agora, fico muito contente quando vejo treinadores como o António Barbosa, treinador do Varzim, o André Balinha, que está com o Armando Evangelista no Arouca, chegarem lá acima. Mas mesmo a este nível há gente com qualidade, como o André Brito, do Dumiense, por exemplo, entre outros, não quero estar a individualizar. No caso de outros, fico surpreendido como aparecem em certas equipas», venceu.

«Ainda tenho muito para dar ao futebol»

Esta é a segunda passagem do técnico pelo Porto d' Ave

João Fernando faz parte de uma geração de treinadores que já ganhou tudo no futebol distrital da AF Braga, mas que subiu a pulso na carreira. «Tenho 57 anos, mas ainda muito a dar ao futebol. Faço parte do grupo mais velho de treinadores da Pró-Nacional. Penso que o mais velho é o Dinis (65), depois o Salgueiro (59) e a seguir eu, mas conti-

nuamos a ter o nosso espaço. Continuo a fazer uma coisa de que gosto e que me deixa feliz, independentemente de ganhar ou perder. Não podemos estar à espera que ninguém nos dê nada, no futebol ninguém nos dá nada, se queremos ser felizes temos de procurar essa felicidade. Já não tenho idade para andar a brincar ao futebol», atirou.

